

# De Ouro Preto a Diamantina: refazendo a viagem de Spix e Martius de 1818

From Ouro Preto to Diamantina: remaking Spix and Martius' journey in 1818

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-8837213316>

Willi Bolle<sup>1</sup>

**Abstract:** Commemorating the bicentenary of the Journey in Brazil (1817-1820) of the German naturalists Spix e Martius, a group of researchers of the Martius-Staden-Institute (São Paulo) remade in March 2017 a segment of that expedition: from Ouro Preto to Diamantina. The main purpose was to study the continuities and the changes that occurred during the last 200 years. These were the visited places: 1) Ouro Preto, formerly Vila Rica, capital of the Province of Minas Gerais; 2) in the district of Mariana, the small towns of Bento Rodrigues e Paracatu, which were destroyed by the environmental disaster occurred in 2015; 3) the National Park and Sanctuary of Serra da Caraça, founded in 1774; 4) the cities of Sabará and Serro, formerly Vila do Príncipe, and the Itambé Mountain (2052 m), in the Serra do Espinhaço, the borderline between the bioms of the Atlantic Rainforest and the Cerrado; e 5) the city of Diamantina, formerly Arraial de Tijuco, and its surroundings, including a diamond field.

**Keywords:** Scientific journeys and expeditions, Spix and Martius, Journey in Brasil

**Resumo:** Por ocasião do bicentenário da viagem dos naturalistas alemães Spix e Martius pelo Brasil (1817-1820), um grupo de pesquisadores ligados ao Instituto Martius-Staden (São Paulo) refez em março de 2017 um trecho daquela expedição: de Ouro Preto a Diamantina. O principal objetivo foi estudar as continuidades e as mudanças ocorridas ao longo desses 200 anos. Estes foram os lugares visitados: 1) Ouro Preto, a antiga Vila Rica, capital da província de Minas Gerais; 2) no distrito de Mariana, as comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu, destruídas pelo desastre ambiental ocorrido em 2015; 3) o Parque Nacional e o Santuário da Serra do Caraça, fundado em 1774; 4) as cidades de Sabará e do Serro, antiga Vila do Príncipe, e o Pico do Itambé (2052 metros), na Serra do Espinhaço, a divisa entre os biomas da Mata Atlântica e do Cerrado; e 5) a cidade de Diamantina, antigo Arraial de Tijuco, e seus arredores, incluindo um local de garimpagem.

**Palavras-chave:** Viagens e explorações científicas, Spix e Martius, Viagem pelo Brasil

**Zusammenfassung:** Anlässlich der 200jährigen Wiederkehr der Reise in Brasilien (1817-1820) der deutschen Naturforscher Spix und Martius hat eine Gruppe von Forschern des Martius-Instituts (São Paulo) im März 2017 einen Abschnitt jener Expedition nachvollzogen: von der ehemaligen Goldgräberstadt Ouro Preto bis zum Diamantendistrikt. Die Hauptaufgabe dieser Reise bestand darin, die Kontinuitäten und die Veränderungen zu untersuchen, die sich im Laufe dieser 200 Jahre ergeben haben. Folgende Orte wurden besucht: 1) Ouro Preto, ehemals Vila Rica, die einstige Hauptstadt der Provinz Minas Gerais; 2) im Distrikt von Mariana die Ortschaften Bento Rodrigues und Paracatu, die im Jahre 2015 durch eine Umweltkatastrophe zerstört wurden; 3) der Nationalpark Serra da Caraça, mit dem dort im Jahre 1774 gegründeten Eremitenhospiz und Wallfahrtsort; 4) die Städte Sabará und Serro, ehemals Vila do Príncipe,

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, São Paulo, SP, 05508-010, Brasil, email: willibolle@yahoo.com

und der Gipfel der Serra do Itambé (2052 m), Teil der Serra do Espinhaço, Grenzscheide zwischen den Biomen des atlantischen Regenwalds und des Cerrado; und 5) die Stadt Diamantina, ehemals Arraial de Tijuco, mit Umgebung, einschließlich eines Fundorts von Diamanten.

**Stichwörter:** Wissenschaftliche Reisen und Expeditionen, Spix und Martius, Reise in Brasilien

O relato de viagem *Reise in Brasilien, 1817-1820*, dos naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, pode ser considerado o livro mais importante em língua alemã sobre o Brasil. Nessa obra em três volumes, publicados em 1823, 1828 e 1831, com cerca de 1.400 páginas, eles apresentam um amplo e detalhado retrato do país, focalizando respectivamente a região Sudeste, com destaque para o Rio de Janeiro, São Paulo e Vila Rica (Ouro Preto); o Distrito Diamantino e os sertões de Minas Gerais, da Bahia e do Piauí; e a Amazônia, de Belém até Manaus, e de lá, até a fronteira com o Peru e a Colômbia. Na época colonial, a entrada de pesquisadores viajantes estrangeiros no Brasil via de regra era proibida, como mostra o exemplo de Alexander von Humboldt, o qual, em maio de 1800 chegou pelo Rio Negro na fronteira entre a Venezuela e o Brasil, mas se viu impedido de entrar neste país (HUMBOLDT 1970: II, 476). Uma década depois, quando o governo de Portugal tinha se deslocado de Lisboa para o Rio de Janeiro e após ser decretada a abertura dos portos, as autoridades passaram a ver vantagens na vinda de pesquisadores estrangeiros (GOMES 2007: 230-241).

Por ocasião do casamento da Princesa Leopoldina, da dinastia de Habsburgo, com o Imperador Dom Pedro I, em 1817, uma comitiva de cientistas austríacos e bávaros, foi convidada a acompanhar a vinda de Leopoldina ao Brasil. Dessa comitiva fizeram parte o zoólogo Spix (1781-1826) e o botânico Martius (1794-1868), que foram encarregados pela Academia de Ciências da Baviera de pesquisar a flora, a fauna e a mineralogia do Brasil, como também a população e a sua cultura. No seu relato de viagem, que é um gênero de texto que ultrapassa os limites dos estudos especializados para se abrir para uma temática mais ampla e de interesse geral, eles correspondem perfeitamente a essa expectativa.<sup>2</sup>

Para comemorar o bicentenário da viagem de Spix e Martius pelo Brasil (1817-1820), o diretor do Instituto Martius-Staden em São Paulo, o Sr. Eckhard Kupfer, organizou um projeto e coordenou uma equipe para refazer inicialmente, em março de 2017, um dos

---

<sup>2</sup> Sobre o conjunto dessa viagem, ver Karen M. LISBOA. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na 'Viagem pelo Brasil' (1817-1820)*, 1997

trechos daquela expedição: neste caso, de Ouro Preto a Diamantina. Fiz parte dessa equipe, juntamente com dois cineastas, Gustavo Tonetti e Felipe Delfino, que elaboraram um filme documentário durante essa viagem.<sup>3</sup> O eixo do nosso trajeto foi o trecho principal da antiga “Estrada Real”, o “Caminho dos Diamantes”, que vai de Ouro Preto a Diamantina. Incluindo os desvios para o Parque Natural do Caraça e a cidade de Sabará, percorremos cerca de 600 km. Enquanto Spix e Martius fizeram esse percurso a cavalo e por caminhos de terra, com a bagagem carregada por mulas, o nosso meio de locomoção foi um automóvel, que nos levou aos lugares escolhidos, que fomos conhecer através de caminhadas. O principal objetivo da nossa viagem, com um acentuado enfoque topográfico, foi estudar as continuidades e as mudanças ocorridas ao longo dos últimos 200 anos.

## Ouro Preto

Iniciamos a nossa viagem em Ouro Preto, onde Spix e Martius ficaram em março e abril de 1818 (*Viagem pelo Brasil*, I, p. 205-215). A cidade está localizada ao pé da Serra do Espinhaço, onde se destaca o Pico do Itacolomi (1.772 metros; ver Imagem 1).<sup>4</sup>



**Imagem 1: Ouro Preto em 2017**

Hoje, como antigamente, o lugar central é a Praça Tiradentes, delimitada, de um lado, pelo Museu da Inconfidência, instalado na antiga Casa da Câmara, e do outro, pelo

---

<sup>3</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=6kjtW6rTTFY> (Acesso em 12 Out. 2017).

<sup>4</sup> Todas as fotos aqui apresentadas foram feitas pelo autor deste artigo.

Palácio dos Governadores, de onde se desfruta de uma bela vista panorâmica. A fisionomia de Ouro Preto, que tinha 8.500 habitantes em 1818, e mantém as ruas calçadas e os sobrados de pedras daquela época, era e continua sendo marcada por um grande número de igrejas barrocas, que hoje são a principal atração turística.

As ricas descobertas de ouro e de pedras preciosas, feitas principalmente por bandeirantes paulistas, desde o final do século XVII em vários lugares de Minas Gerais, atraíram grandes contingentes de pessoas. Assim o eixo da economia e da administração do Brasil deslocou-se do Nordeste, região de produção açucareira, para o Centro-Sul. Em 1720, Minas Gerais tornou-se uma capitania, e em 1763, a capital da colônia foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro (ver BASTOS 2014: 96-111 e FAUSTO 2015: 52-54). Em consequência da garimpagem do ouro e dos diamantes surgiram em Minas Gerais vários núcleos urbanos. Dentre eles, destacou-se Vila Rica, fundada em 1698 e escolhida como capital da província; a partir de 1823, foi denominada de Ouro Preto (por causa do aspecto escuro do ouro ali encontrado). A cidade vizinha de Mariana tornou-se sede de bispado. Enquanto as primeiras descobertas significativas de ouro ocorreram em 1695, no rio das Velhas, perto de Sabará, o garimpo de diamantes começou por volta de 1730, mais ao norte, no Serro Frio.

A migração maciça das pessoas, de várias partes do Brasil, para os polos de extração de ouro e diamantes em Minas Gerais, proporcionou um novo tipo de desenvolvimento para o Brasil, explica o historiador Francisco IGLÉSIAS (1995: 60). Diferentemente da economia do Nordeste, caracterizada pela agricultura latifundiária, a mineração levava à formação de núcleos urbanos (1995: 74-75). Assim nasceu “uma sociedade mais diversificada do que a do restante do país” (1995: 66). Essa sociedade diferenciada, complementa o historiador Boris FAUSTO (2015: 55), era “constituída não só de mineradores, como de negociantes, advogados, padres, fazendeiros, artesãos, burocratas e militares”. Com a concentração da vida social nas cidades, ocorreram ali “manifestações culturais notáveis no campo das artes, das letras e da música”. E as associações religiosas leigas que surgiram, as irmandades e ordens terceiras, patrocinaram a construção das igrejas barrocas mineiras. IGLÉSIAS (1995: 72) chega à conclusão de que foi essa organização social diversificada das cidades mineiras, principalmente na capital Ouro Preto, que “explica um movimento como a Conjuração Mineira de 1789”. Vem ao caso notar que Spix e Martius, que eram monarquistas e conservadores, não fazem nenhuma referência ao movimento da Inconfidência.

Quanto ao comércio, eles constatam que “de todas as cidades no interior do Brasil, nenhuma tem um comércio tão animado como Vila Rica” (*Viagem pelo Brasil*, I, p. 205). Estavam presentes quase todos os ofícios e havia também fábricas de pólvora, cerâmica e chapéus de feltro. Nos dias de hoje, o comércio continua bem ativo, como pudemos observar tanto nas numerosas lojas quanto numa feira no centro da cidade, onde se vendem principalmente figuras e objetos em pedra-de-sabão e também todo tipo de minerais, entre eles amostras de pirita, o chamado “ouro dos tolos”.

O ouro autêntico, como descrevem Spix e Martius, era obtido por meio de dois processos: lavagem, executada por escravos negros, manuseando bateias com cascalho colhido em córregos; e mineração, praticada por meio de furos e buracos nas montanhas. Em 1818, várias décadas depois do período de apogeu do ouro, que ocorreu entre 1733 e 1748, os rendimentos já estavam em acentuado declínio. O procedimento predominante passou a ser, então, a extração do ouro em minas. Tendo como guia o Sr. Wilhelm von Eschwege, que era diretor das minas de ouro, os dois viajantes foram conhecer vários lugares de extração. Nós também pudemos entrar numa dessas minas: a Mina da Passagem, no caminho de Ouro Preto a Mariana, que era explorada até 1976, e desde então está aberta à visitação geral (ver Imagem 2).



**Imagem 2: Na mina de ouro de Passagem**

Na época colonial, todo ouro encontrado em Minas Gerais tinha que ser levado pelos proprietários para as casas de fundição (ESCHWEGE 1979: 143-150), para ser

transformado em barras e lingotes, sendo um quinto de toda a produção reservado ao Rei de Portugal. A quantidade enorme de ouro que saiu das casas de fundição de Minas é ilustrada por esta observação de SPIX e MARTIUS: “As construções colossais de D. João V, o Aqueduto de Lisboa e o Convento de Mafra foram custeados exclusivamente com o quinto real do ouro brasileiro (*Viagem pelo Brasil*, I, p. 212). Em Ouro Preto, a Casa Real de Fundição estava instalada no Palácio dos Governadores. Hoje em dia, o visitante pode conhecer amostras de lingotes e de pepitas de ouro no Museu Casa dos Contos (ver Imagem 3).



**Imagem 3: Lingotes de ouro no Museu Casa dos Contos**

No Palácio dos Governadores, que Spix e Martius destacaram dentre os prédios da cidade, funciona hoje uma parte da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a saber, o Museu de Mineralogia e a Biblioteca. Na seção de obras raras encontramos a obra do botânico Martius sobre *Novos gêneros e espécies de plantas*, no Brasil; e a do zoólogo Spix sobre as *Aves brasileiras*. Um pássaro especial é a arara azul, que virou, inclusive, protagonista do filme de desenho animado *Rio* (2011), no qual a arara de nome Blu defende a sua espécie contra a ameaça de extinção.

A Escola de Minas foi inaugurada em 1876 pelo mineralogista francês Claude-Henri Gorceix (1842-1919) com pleno apoio do Imperador Dom Pedro II. Atualmente, a administração da Escola e os prédios com as salas de aula e os laboratórios da

universidade localizam-se num campus fora da área central. O principal objetivo da instituição consiste em formar pesquisadores, engenheiros e diretores para a exploração das minas (LEMOS 2012: 37). Como guia, durante a nossa estadia em Ouro Preto e na excursão pelo distrito vizinho de Mariana, tivemos um geólogo e ambientalista da Escola de Minas: o professor Hubert Roeser, que é um dos principais representantes das contribuições alemãs às geociências em Minas Gerais nestas últimas décadas.

Na UFOP estão matriculados mais de 18.000 estudantes, dos quais cerca de 10.500 residem em Ouro Preto, que conta atualmente com 70.000 habitantes. Espalhados em cerca de 300 repúblicas, esses estudantes contribuem significativamente para animar a atmosfera da cidade. Como amostra, vai aqui uma seleção de alguns nomes expressivos das repúblicas estudantis:

Academia da Cachaça, Arte e Manha, Covil dos Gênios, Doce Deleite, Doce Veneno, Favinho de Mel, Fruto Proibido, Gaiola de Ouro, Gambiarra, Gandaia, Lunáticos, Mata Virgem, Meninas Gerais, Muvuca, Nau Sem Rumo, Ninho do Amor, Pulgatório, Reino de Baco, Saia Justa, Sedução, Sem Destino, Sete Pragas, Trem de Doido, Xequê Mate (LEMOS 2012: 178-179).

## O distrito de Mariana: a mineração atual e o desastre ambiental de 2015

Seguindo o roteiro de Spix e Martius, fomos de Ouro Preto à cidade de Mariana, localizada igualmente às margens do Ribeirão do Carmo, a uns 15 km rio abaixo. Fundada em 1696, Mariana tornou-se residência do bispo em 1745. Não chegamos a visitá-la detalhadamente, porque demos preferência a dois outros locais em seu distrito, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, onde aconteceu em 2015 um desastre ambiental, o pior na história do Brasil.

Desde o início da nossa viagem, estivemos dentro do chamado Quadrilátero Ferrífero, uma área que se estende entre as cidades de Congonhas, Belo Horizonte/Sabará, Santa Bárbara e Mariana/Ouro Preto (ROESER, 2010). Durante a travessia do distrito de Mariana, chamou a nossa atenção, nas margens da estrada, a enorme quantidade de rochas contendo minério de ferro. De fato, como já demonstrou o mineralogista Wilhelm von Eschwege em sua obra *Pluto brasiliensis* (1ª ed., 1833), a principal riqueza de Minas Gerais, ao lado do ouro e dos diamantes, é o ferro. Spix e Martius, que visitaram várias forjas de ferro, instaladas em boa parte por Eschwege,

chegaram à conclusão de que “o minério de ferro existe em Minas em tal quantidade, que seria suficiente para abastecer o Brasil inteiro durante séculos” (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 24).

Essa avaliação é confirmada pela situação atual, em que Minas Gerais se destaca com a maior produção de minério de ferro entre os estados brasileiros, com 61% do total. No nosso caminho, passamos por lugares de escavação de grandes empresas mineradoras. Contudo, a mineração excessiva tem o seu preço. Os trabalhos de escavação, realizados com um maquinário poderoso, acarretam a destruição de montanhas inteiras. Isso nos fez lembrar a observação de Spix e Martius sobre os “muitos buracos cavados na montanha” entre Ouro Preto e Mariana, “os filões e as panelas que ficaram depois do abandono das explorações”; e especialmente a sua descrição de uma mina de ouro que se configurava como “um profundo fosso, uma garganta de rochas nuas, cheia de fragmentos de pedras, que dava a impressão da mais selvagem destruição” (*Viagem pelo Brasil*, I, p. 210 e 207).

A advertência feita há 200 anos pelos dois naturalistas sobre a destruição do meio-ambiente foi premonitória. No nosso caminho a Bento Rodrigues, chegamos ao Rio Gualaxo do Norte, que estava de cor avermelhada devido aos rejeitos tóxicos da mineração, que vazaram com o rompimento da barragem em novembro de 2015 e causaram a destruição de várias comunidades situadas às margens desse rio. Visitamos as duas vilas principais e vimos as marcas terríveis do desastre: todas as moradias foram reduzidas a ruínas.



**Imagem 4: As marcas do desastre ambiental em Paracatu**



Em Bento Rodrigues, durante este último ano e meio, a vegetação da natureza recuperou algo do meio ambiente, mas as construções dos homens continuam irrecuperavelmente perdidas. Rio abaixo, na comunidade de Paracatu, vimos os estragos na igreja e a completa destruição das moradias, lojas e pontos de encontro, em geral (ver Imagem 4). A devastação e o impacto ambiental em Bento Rodrigues e Paracatu foram tão grandes, que a reconstrução dessas duas comunidades terá que ser feita em outros locais.

O artigo intitulado “Depois da lama”, publicado em 05/jul/2017 no jornal *Folha de S. Paulo* (ver LINHARES et al.) fornece informações detalhadas sobre o desastre ambiental e os planos de reparo, além de um mapa da região afetada. A barragem de Fundão, no curso superior do Rio Gualaxo do Norte, rompeu-se em 05 de novembro de 2015, despencando 32 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos. Essa lama, além de arrasar as vilas de Bento Rodrigues, Paracatu e Barra Longa, causando a morte de 19 pessoas, desembocou no Rio Doce, do qual o Gualaxo é afluente, e percorreu 650 km até chegar ao oceano. A empresa responsável pela barragem era a Samarco, que pertence à Companhia Vale e à BHP Billiton. O plano de reparo dos danos consta de quatro tipos de medidas: 1) Contenção de rejeitos. Com esse fim, foram reforçados e construídos diques de controle da lama, além de providências para a retirada dela. 2) Reconstrução dos três vilarejos destruídos: Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Barra Longa, que tiveram respectivamente 226, 103 e 20 famílias atingidas. A nova Bento Rodrigues ficará mais perto de Mariana: a apenas 8 km, em vez da distância anterior de 23 km. 3) Recuperação do meio ambiente. Das áreas verdes foram recuperadas por enquanto apenas 2%; das nascentes, 10%; e das margens, 73%. 4) Indenização das pessoas afetadas. Metade dos atingidos recebeu um auxílio emergencial, mas os valores finais por danos permanentes ainda não foram definidos.

## Caraça

Um contraponto às referidas destruições e um exemplo de preservação ambiental é o Parque Natural da Serra do Caraça, localizado a apenas uns 30 km em linha reta ao norte da cidade de Mariana, na zona de transição da Mata Atlântica para o Cerrado. Fomos conhecer esse parque, onde é mantida intacta uma área de 12 mil hectares de

natureza exuberante. Aos pés daquela Serra, num “vale fechado em forma de anfiteatro”, foi fundada em 1774, pelo Irmão Lourenço, da Ordem Terceira de São Francisco, uma hospedaria para acolher missionários e formadores de jovens.<sup>5</sup> Essa hospedaria, chamada antigamente Hospício da Mãe dos Homens, e o seu entorno foram visitados por Spix e Martius em abril de 1818 (ver também a estampa 7 no seu *Atlas*; e a nossa Imagem 5).



**Imagem 5: Santuário do Caraça**

Eles caracterizam esse lugar como “paradisiaco”: “O naturalista fica em contínuo encanto pela riqueza deste esplêndido vale serrano. Incríveis são a variedade e beleza das plantas daqui. [...] No primeiro dia, colecionamos umas cem espécies de plantas, antes desconhecidas” (*Viagem pelo Brasil*, I, p. 249).

A mesma sensação é experimentada por quem visita o Parque nos dias atuais. O número de visitantes chega a 70 mil por ano, sendo 20 mil os que se hospedam por uma ou mais noites, relata o Padre Lauro Palú, atual administrador do Santuário. Ele apresenta também uma lista das expedições científicas (zoólogos, botânicos, geólogos e ambientalistas) que procuram o Caraça como campo de pesquisas (PALÚ, Pe.; LOPES 2014: 40-41). Nós encontramos ali o professor Rainer Radtke, que leciona Biologia na Universidade de Tübingen e todo ano organiza expedições para o Brasil. Ele estava acompanhado de três outros docentes e um grupo de 20 estudantes. Com uma parte

---

<sup>5</sup> Ver PALÚ, Pe.; LOPES. Álbum comemorativo do Santuário do Caraça, 2014, p. 6-7.

desse grupo fomos conhecer uma das trilhas do Parque Natural: a que leva ao Banho do Belchior, onde apreciamos a água cristalina do córrego e a beleza da vegetação. Nessa caminhada tivemos como guia o professor de biologia Lucas Coelho de Assis, que nos deu explicações sobre várias plantas e sobre os animais; vimos, inclusive, os rastros de uma onça. Observamos também o perfil da cadeia montanhosa e descobrimos que, por causa do seu perfil, ela recebeu o nome “Caraça”.

Além das atrações naturais do Parque – trilhas, córregos, cascatas, picos e grutas –, a configuração arquitetônica do Santuário nos faz lembrar que, durante muitas décadas, funcionaram ali um seminário e um colégio (ver PALÚ, Pe.; LOPES 2014: 11-33). Essas atividades foram iniciadas em 1821 e atingiram seu auge em 1900, com a equiparação do Colégio do Caraça ao Ginásio Nacional. Um número expressivo de alunos chegou a ocupar cargos importantes na vida pública e no mundo jurídico e acadêmico; e dois alunos tornaram-se presidentes da República: Afonso Pena e Arthur Bernardes. Em 1912, o Colégio foi fechado e a instituição passou a dedicar-se à formação de futuros padres para a Congregação da Missão. Em 1968, as atividades escolares pararam, devido a um grande incêndio, que destruiu o prédio do Colégio e sua monumental biblioteca. A partir daí, houve uma reestruturação do Santuário como hospedaria de turistas.



**Imagem 6: O lobo-guará**

A principal atração turística do Parque do Caraça é o lobo-guará. Sobre os hábitos desse animal, o Padre Lauro Palú nos explicou que, em toda a área do Caraça, permanece

apenas um único casal de lobos, depois do nascimento e da criação dos filhotes (ver PALÚ, Pe.; LOPES 2014: 90-91). A luta entre os machos e entre as fêmeas pelo domínio desse território é feroz: praticamente esquecem a noção de parentesco, de modo que o casal vencedor pode ser o pai com a mãe, ou o pai com uma filha, um filho com a mãe, ou o irmão com a irmã. Desde há mais de 30 anos, o lobo-guará costuma aparecer durante a noite, na frente da igreja, onde o pessoal da cozinha da hospedaria deixa para ele um “jantar”, sobretudo de carne e ossos de frango. Mas sua vinda não está garantida. Tanto assim que, na primeira noite, esperamos até além da meia-noite, e o lobo não apareceu. Na segunda noite tivemos sorte. O Padre Lauro acabou de dar a sua palestra sobre o lobo, suas características e seu comportamento, e logo em seguida – como se os dois tivessem combinado – o lobo apareceu (ver Imagem 6)!

## Sabará, Serro e Pico do Itambé

No caminho até a nossa próxima etapa, a cidade do Serro, fizemos, assim como Spix e Martius, um desvio para conhecer a cidade de Sabará, localizada às margens do Rio das Velhas. Nessa cidade que tinha 5.000 habitantes em 1818, a Casa da Fundação produziu uma quantidade de barras de ouro maior do que qualquer uma das outras três fundições existentes na província (ver *Viagem pelo Brasil*, II, p. 19).



**Imagem 7: Pilão para triturar rochas auríferas**

No quintal do Museu do Ouro encontramos um engenho de socamento hidráulico com pilões para triturar as rochas auríferas (ver Imagem 7). Essa máquina, inventada por Wilhelm von ESCHWEGE (ver *Pluto brasiliensis*, 1979, I, p. 44), substituiu com maior eficiência a força do trabalho escravo.

No percurso de cerca de 330 km, de Sabará rumo ao norte até a cidade do Serro, seguimos aproximadamente a rota de Spix e Martius. Enquanto eles levaram mais de duas semanas para percorrer esse trajeto em lombo de cavalo e por trilhas bastante difíceis, nós contamos com o conforto de um automóvel e de uma estrada asfaltada, fazendo essa viagem em apenas algumas horas. Em termos topográficos, o eixo de todo o nosso percurso, desde Ouro Preto até Diamantina, foi a Serra do Espinhaço (Imagem 8).



**Imagem 8: A Serra do Espinhaço**

Como diz o nome – proposto por Eschwege e que já consta do mapa da Capitania de Minas Gerais, no seu livro *Pluto brasiliensis* (cf. I, p. 34) –, essa cadeia de montanhas é a “espinha dorsal” de Minas, estendendo-se do sudeste desse estado por mais de 1.000 km até adentrar o Estado da Bahia. É também a linha divisora entre dois dos seis principais biomas do Brasil: a Mata Atlântica e o Cerrado. Paralelamente à Serra do Espinhaço, do lado ocidental, foi construído no século XVIII o principal segmento da “Estrada Real”, o chamado “Caminho dos Diamantes”, que vai de Ouro Preto via Santa Bárbara, Conceição do Mato Dentro e Serro até Diamantina, o antigo Arraial do Tijuco.

A cerca de 65 km antes dessa cidade, que foi o centro do Distrito Diamantino, é localizado o Serro, a antiga Vila do Príncipe. Ela tinha sido escolhida como sede da

paróquia de toda a comarca – como explicam SPIX e MARTIUS (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 30) e o viajante francês Auguste de SAINT-HILAIRE (*Viagem pelo Distrito dos Diamantes*, p. 27) – porque o marquês de Pombal, para impedir o clero de assumir grande importância no Distrito Diamantino, proibiu ali a instalação de uma administração religiosa.

A cidade do Serro manteve basicamente a sua fisionomia de 200 anos atrás, quando foi visitada e descrita, um ano antes de Spix e Martius, por Saint-Hilaire: “Esta vila está edificada sobre a encosta de um morro alongado, e suas casas dispostas em anfiteatro; os jardins que entre elas se veem, suas igrejas disseminadas formam um conjunto de aspecto muito agradável, visto das elevações próximas”. Esse texto, de 1817, encontra-se no Museu Casa dos Otoni, principal acervo da história do Serro, e está colocado como legenda de uma gravura mostrando uma encosta dessa cidade ajardinada, tendo como fundo a Capela de Santa Rita. Depois dos 200 anos que se passaram essa perspectiva se manteve quase inalterada. A Casa dos Otoni apresenta ricas informações e amostras sobre as atividades cotidianas dos habitantes da Vila do Príncipe por volta de 1800, especialmente sobre a mineração do ouro e a vida religiosa. Merece destaque o cuidado dos administradores e trabalhadores desse museu com o meio-ambiente. O jardim com as plantações e o parque natural anexo são belos exemplos a serem seguidos não apenas pelos alunos das escolas daquela cidade, mas também por todos os amantes da natureza.

A poucos quilômetros da cidade do Serro eleva-se o Pico do Itambé (2.052 metros), a montanha mais alta do norte de Minas. Seguindo o exemplo de Spix e Martius, nós também resolvemos escalar esse pico. Iniciamos a subida a partir da portaria do Parque Estadual do Pico do Itambé. Já durante a subida, é possível apreciar vários panoramas. O caminho não era fácil, porque, além de íngreme, é bastante escorregadio por causa da água de pequenas nascentes. Por outro lado, essa água estimula o crescimento de grande quantidade de belas flores. Por uma ponte pênsil, atravessamos um *canyon*. Como ela foi instalada há poucas décadas, isso nos fez lembrar que Spix e Martius fizeram sua subida por um caminho diferente, a saber, a partir do arraial Milho Verde. As rochas perto do *canyon* têm formas bizarras. Finalmente, depois de quase quatro horas de caminhada, chegamos no topo. Do alto, desfrutamos de belas vistas panorâmicas em todas as direções, inclusive sobre o nosso próximo destino: a cidade de Diamantina (Imagem 9).



**Imagem 9: Vista do Pico do Itambé em direção a Diamantina**

## Diamantina

Na segunda metade de maio de 1818, Spix e Martius chegaram ao Distrito Diamantino, cujo lugar principal era o Arraial de Tijuco, atual cidade de Diamantina. O arraial, “um dos mais florescentes do Brasil”, tinha mais de 6.000 habitantes, com aseadas e cômodas casas de dois pavimentos, e lojas abastecidas com todo tipo de mercadorias (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 29). Com essas observações, os dois viajantes alemães confirmam o retrato elogioso do Tijuco e de seus habitantes, traçado um ano antes por Auguste de SAINT-HILAIRE (*Viagem pelo Distrito dos Diamantes*, p. 27-30 e 33). Na cidade atual, a fisionomia antiga se mantém, com o calçamento das ruas e as casas e igrejas em estilo colonial, incorporando também marcas do nosso tempo, como as antenas de televisão; um espaço que liga harmoniosamente as duas épocas é a praça do Mercado Municipal.

O lugar que melhor resume a história da cidade é o Museu do Diamante. Tijuco deveu sua origem e prosperidade à existência dos diamantes, que foram descobertos no primeiro decênio do século XVIII na área contígua do Rio Jequitinhonha. A partir daí foi criado o Distrito Diamantino, que era “um Estado isolado dentro do Estado”, no qual “toda a vida civil foi subordinada à exploração de um bem exclusivo da coroa” (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 30).



**Imagem 10: Amostra de diamantes lapidados**

Sobre os diamantes (Imagem 10), o governo pretendia inicialmente cobrar um quinto como sobre o ouro. Mas como isso se revelou impraticável, foi estabelecido um imposto anual *per capita* para cada escravo que lavava diamantes. O acesso ao Distrito Diamantino, administrado por um Intendente Geral e a Junta Diamantina, era rigorosamente controlado. Por meio de destacamentos procurava-se combater o contrabando. Um resumo das leis sobre “A Real Extração dos Diamantes do Arraial do Tijuco” foi publicado por ESCHWEGE (*Pluto brasiliensis*, II, p. 89-101), que critica a ineficiência da burocracia autoritária diante dos inúmeros tipos de crimes.

Em Diamantina visitamos também a Casa da Glória, cuja construção data do final do século XVIII. Inicialmente foi residência dos intendentes e, em meados do século XIX, sede dos bispos de Diamantina. A partir de 1867 foi instalado ali um orfanato por freiras, que adquiriram também a casa do outro lado da rua, construindo como ligação o chamado Passadiço. Dando continuidade às pesquisas pioneiras de Wilhelm von Eschwege e como um marco importante das contribuições alemãs recentes às geociências em Minas Gerais, foi fundado, em 1970, na Casa da Glória, numa cooperação entre o Brasil e a Alemanha, o instituto que é hoje o Centro de Geologia Eschwege (ROESER 2016: 221-223).

Outro local com importantes referências históricas é a Casa de Chica da Silva. Essa escrava alforriada, que se tornou também personagem de uma telenovela (1996/97), foi entre 1754 e 1770 companheira do contratador de diamantes João



Fernandes de Oliveira. Ele era um daqueles empresários que trabalhavam com um número muito maior de escravos do que registrava no contrato. “Dessa forma”, comentam Spix e Martius, “um sistema de corrupção se estendia de Minas pelo Brasil inteiro até a Corte em Lisboa” (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 30). Ou seja, as práticas criminosas que são comuns entre políticos e empresários no Brasil dos dias atuais já se configuraram há mais de dois séculos como uma estrutura sistêmica deste país.



**Imagem 11: Lavagem de diamantes no Currálinho, em 1818**

Para conhecer o procedimento da lavagem dos diamantes, Spix e Martius foram a um garimpo próximo à cidade, o Currálinho. Como mostra a sua descrição (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 36-37), ilustrada também por uma gravura (*Atlas*, estampa 9; ver Imagem 11), esse trabalho era executado por escravos negros, que enchiam bateias com o cascalho de riachos, e as remexiam a fim de separar pouco a pouco as camadas mais finas e tentar descobrir nelas as pedras preciosas. Nesse trabalho, eles eram severamente vigiados por feitores, os quais por sua vez eram controlados por um administrador. Os viajantes foram conhecer também os garimpos de Linguíça e de Mata-Mata; este último guarda em seu nome a memória das sangrentas disputas entre os que correram para lá em multidão, no tempo da descoberta dos diamantes.

Na época em que os dois naturalistas visitaram o Arraial de Tijuco, as lavras de diamantes, assim como as minas de ouro em Vila Rica, já estavam em acentuado declínio. Depois de sua estadia no Distrito Diamantino, Spix e Martius continuaram a sua viagem rumo ao norte até o termo de Minas Novas, junto ao Rio Araçuai, para

conhecer os garimpos de outras pedras preciosas, principalmente topázios, ametistas, berilos, crisoberilos, safiras e turmalinas (*Viagem pelo Brasil*, II, p. 51-74). Em seguida, iniciaram uma longa travessia dos sertões do Brasil, do norte de Minas, através das províncias da Bahia e do Piauí até São Luís do Maranhão.

Nós, em busca de um garimpo atual, partimos rumo ao Currealinho e ao Rio Jequitinhonha, de onde provinha a maior produção de diamantes. Perguntamos também pelo garimpo de Mata-Mata, mas nenhum dos moradores de Diamantina soube nos dar informações a esse respeito. Falaram-nos do garimpo de Areinha, a uns 80 km ao norte de Diamantina, mas nos desaconselharam a ir para lá, pois esse local tem fama de ser tão perigoso como foi, na década de 1980, o garimpo de Serra Pelada no Pará.



**Imagem 12: Diamantina: no garimpo de seu Belmiro**

No final da nossa viagem, conseguimos visitar um garimpo em funcionamento, próximo a Diamantina, de propriedade do Sr. Belmiro (Imagem 12). Essa área corresponde ao leito de um grande riacho, cujas rochas, esculpidas pelas águas ao longo de centenas de milhares de anos, são de uma impressionante beleza artística. O Sr. Belmiro nos mostrou o ambiente, um lugar de abrigo, as ferramentas e o trabalho cotidiano de um garimpeiro. O que motiva um homem a se dedicar à garimpagem é a expectativa de, um dia, encontrar o diamante de seus sonhos. De fato, como vimos depois do nosso retorno num artigo de imprensa, essas pedras preciosas continuam sendo negociadas com

altíssimos valores: recentemente, um diamante rosa de 59,60 quilates chegou a ser vendido pelo valor recorde de 71,2 milhões de dólares.<sup>6</sup>

Procurando resumir em que consistem as continuidades e as mudanças ocorridas ao longo dos últimos 200 anos na região de Ouro Preto a Diamantina, verificamos que Spix e Martius fizeram alguns diagnósticos, ora positivos, ora negativos, que mostram a sua lucidez como observadores do Brasil: 1) Minas Gerais é, de fato, “uma espécie de paraíso mineralógico” (ROESER 2016: 216); 2) contudo, a mineração excessiva traz consigo um enorme perigo de destruição ambiental; 3) lamentavelmente, existe no mundo empresarial e político uma corrupção sistêmica; 4) as principais cidades mineiras continuam sendo centros dinâmicos de comércio e de cultura. Esta constatação é confirmada pelo fato de as cidades de Ouro Preto, Mariana, Sabará, Serro, Diamantina e entornos como a Serra do Caraça e o Pico do Itambé terem se tornado patrimônios culturais e ambientais, e com isso, também animados centros turísticos. A estas qualidades Ouro Preto acrescenta o fato de ter se firmado também como importante centro universitário, cuja qualidade e quantidade de pesquisadores e estudantes representa um investimento que promete dar bons frutos no futuro.

## Referências bibliográficas

- BASTOS, Francisco de Paulo Vasconcelos. *A mineração do outro no Brasil, ontem e hoje*. Ouro? Ouro! A construção do Brasil brasileiro. Ouro Preto: Ed. do Autor, 2014.
- ESCHWEGE, W. L. von. *Pluto brasiliensis*. Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. 2 v.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2015.
- FOLHA de S. Paulo. Diamante leiloado em Hong Kong. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 2017. Mercado, p. B 10. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1872531-diamante-e-vendido-por-preco-recorde-de-us-712-milhoes-em-hong-kong.shtml>>. Acesso em: 3 out. 2017.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2007.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*. v. II. Stuttgart: Brockhaus, 1970.
- IGLESIAS, Francisco. Minas Gerais no século XVIII. In: Mourão, Rui (Org.). *Museu da Inconfidência*. Rio de Janeiro: IPHAN; Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 1995. p. 39-76.
- LEMONS, Paulo (Org.). *A história da Escola de Minas*. Ouro Preto: Ed. Graphar, 2012.

<sup>6</sup> Ver “Diamante leiloado em Hong Kong”, *Folha de S. Paulo*, 05/abr/2017, p. B 10).

- LINHARES, Carolina; BARBON, Júlia; PLIGER, Marcelo. Depois da lama: vinte meses após o rompimento da barragem em Mariana (MG). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 jul. 2017, p. B 4-5.
- LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- PALÚ, Pe. Lauro; LOPES, Mariano Pereira. *Álbum comemorativo Santuário do Caraça, 240 anos*. Belo Horizonte: Ed. Arte Gráfica Formato, 2014.
- ROESER, Hubert Marthias Peter. Contribuições alemãs às geociências em Minas Gerais na segunda metade do século XX. *Martius-Staden-Jahrbuch*, n. 61, p. 216-232, 2016.
- ROESER, Hubert Marthias Peter; ROESER, P. A. O Quadrilátero Ferrífero – MG, Brasil: Aspectos sobre sua história, seus recursos minerais e problemas ambientais relacionados. *Geonomos*, v. 18, p. 34-37, 2010.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.
- SPIX, Joh. Bapt. von; MARTIUS, Carl Friedr. Phil. von. *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 – 1820*. Edição e organização de Karl Mägdefrau. Stuttgart: Brockhaus, 1980. 3 v.
- SPIX, Joh. Bapt. von. “Atlas” ou *Tafelband* = v. IV de *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 – 1820*. Edição e organização de Karl Mägdefrau. Stuttgart: Brockhaus, 1967. Com tradução para o português, revisada por Helmut Sick.
- SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817 – 1820*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. 3 v.
- 200 ANOS VIAGEM pelo Brasil de Spix e Martius. Documentário. São Paulo: Instituto Martius-Staden. On line (10 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6kjtW6rTTFY>>. Acesso em 3 out. 2017.

Recebido em: 03 set. 2017

Aceito em: 17 set. 2017